



# Cidades e Fortes Coloniais

*Beatriz Siqueira Bueno*

*Nestor Goulart Reis*

O Arquivo Histórico do Exército (AHEx) guarda uma coleção preciosa de desenhos aquarelados, fundamentais para a história das cidades e vilas do Brasil e para a história das fortificações que as protegiam.

Até o século XVIII, as cidades e algumas vilas eram cercadas por muros, com baluartes que protegiam seus portões e, ao seu redor, por fortalezas e pequenos redutos fortificados. Os desenhos eram elaborados pelos engenheiros militares, para atender às demandas da administração pública civil, para fins militares e, em alguns casos, para edificações religiosas, num tempo em que a Igreja ainda estava ligada ao Estado. As atividades profissionais incluíam a elaboração de projetos, a execução e controle das obras e a realização de reformas. De tempos em tempos, por razões diversas, eram solicitados levantamentos de alguns edifícios, como de cidades e suas partes, de suas fortalezas e muros, sempre que qualquer medida administrativa era proposta pelo Governo Colonial e submetida à aprovação da administração de Lisboa. Esses documen-

tos nos permitem conhecer aspectos importantes da história das principais cidades e vilas e das obras públicas em geral.

Os engenheiros eram encarregados também de realizar levantamentos dos caminhos e das principais referências geográficas e foram responsáveis por um imenso trabalho cartográfico, cobrindo as várias regiões, que se somam a outros referentes às cidades. Até 1696, todos os profissionais eram formados em Portugal ou contratados em outros países, em especial nas cidades da Itália. Em 1693, por cartas régias, a Coroa determinou a criação de aulas de arquitetura militar em várias regiões do Brasil. A mais antiga, em Salvador, já estava em funcionamento em 1696; a do Rio de Janeiro começou a funcionar regularmente em 1738. Na mesma época, entraram em funcionamento as de Recife e São Luís do Maranhão, esta última depois transferida para a cidade de Belém. Nas aulas de arquitetura, os jovens em treinamento eram obrigados a copiar os desenhos elaborados pelos oficiais. De cada obra e cada plano eram preparadas diversas cópias, sendo algumas mandadas para Portugal e as demais permaneceram no Brasil, o que nos garantiu a existência do precioso acervo do AHEx.

Uma das partes mais ricas desse conjunto é a que se refere aos projetos e às obras realizadas nas

fortalezas, ao longo de todo o litoral e nas regiões de fronteira com a América espanhola. Um exemplo, bem significativo, é o da área ao redor da atual cidade de Santos.

## Os Fortes no Litoral Paulista

A área mais bem fortificada no litoral paulista era a da chamada Baixada Santista. Sua geografia é caracterizada pela presença de duas ilhas, envolvidas por três canais ou braços de mar, que se reúnem ao fundo, no sopé da Serra do Mar, para formar o Laga-mar Vicentino. Esse conjunto foi bem representado em um desenho realizado na segunda metade do século XVIII, provavelmente durante a administração do Morgado de Mateus, que governou a Capitania de São Paulo entre 1765 e 1775 (Fig. 1).

Junto à entrada do canal do lado sul, chamado Canal do Barreiro, foi fundada em 1532 a vila de São Vicente. Sua duração foi pequena. Em 1542, um movimento das águas destruiu as instalações primitivas. No ano seguinte, quando se iniciava sua reconstrução, foi fundada por Brás Cubas a vila de Santos, junto ao canal central, o chamado Canal do Casqueiro.

Pouco posterior à fundação de Santos e à edificação de seu primeiro forte, foi a construção em 1553 da vila de Santo André da Borda do Campo, no planalto, junto às cabeceiras do Tamanduatéi, por ordem de Tomé de Souza, então governador geral do Brasil. A vila, como revelam as atas de sua Câmara, era cercada de muros, dispondo de baluartes. Em 1560, Santo André foi desativada, sendo seu pelourinho transferido para São Paulo, que também foi cercada por muros, com portas protegidas por baluartes. Esses eram exemplos significativos de obras de caráter militar.

Em 1553, também por ordem de Tomé de Souza, foi fundado um primeiro forte do lado norte da Barra da Bertioiga, junto à



entrada do canal do mesmo nome. Esse forte, ainda hoje existente, foi denominado São João da Bertioiga.

Na primeira metade do século XVII, em frente à vila de Santos, no outro lado do Canal do Casqueiro, foi fundada a fortaleza de Vera Cruz de Itapeuma. Sabe-se que, em 1688, foi reconstruída pelo Sargento-Mór Torquato Teixeira de Carvalho.

O núcleo inicial da vila de Santos ficava do lado norte da ilha de São Vicente, nas proximidades do outeiro de Santa Catarina, em área um pouco recuada para o interior e bem abrigada. Em ponto próximo ao outeiro, junto à margem do canal, Brás Cubas construiu o primeiro forte para a defesa do local. Era uma estrutura muito simples. Os desenhos que conhecemos mostram a fortificação em





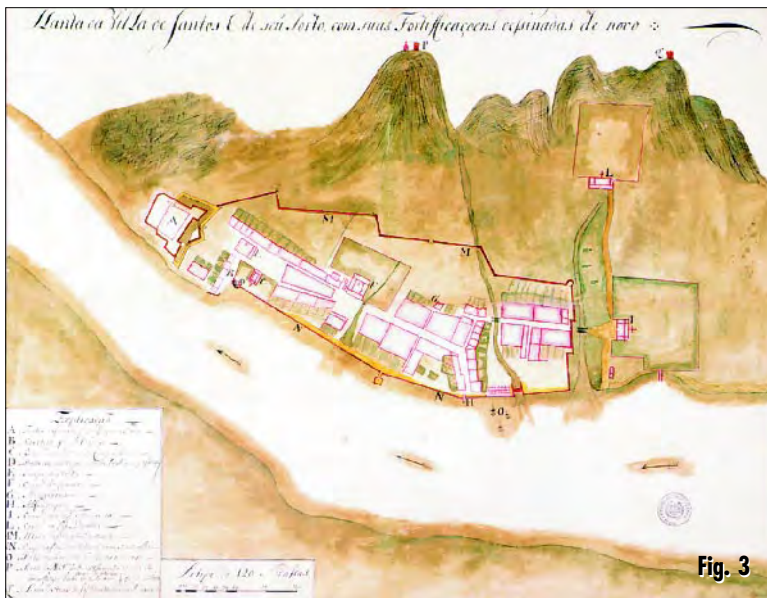


Fig. 3

épocas posteriores, com forma retangular pelo lado da terra e uma parte semicircular à frente, avançando sobre o canal. Uma gravura de 1615, de Spilbergen, mostra uma estrutura aparentando ser de pedra, à frente de uma igreja, que seria a do antigo colégio dos jesuítas (Fig. 2). Uma outra versão esta publicada no “Reys-Boeck van het rijke brasilien”, livro holandês de 1624, mas nesse caso a fortificação era apresentada com arremate circular. É essa aproximadamente a forma com que aparece em um desenho do Brigadeiro João Massé, de 1714, existente no Arquivo Ultramarino de Lisboa. Massé, engenheiro militar que se supõe fosse francês, contratado pelo governo português, havia sido designado para elaborar um plano para a fortificação de Santos, o que incluía projetos para reformas nos fortes existentes e construção de novos (Fig. 3). A mesma forma curva do lado do canal é indicada no “Plano de Villa de Santos no Brazil” de José Correia Rangel Bulhões, de 1798, um belo desenho existente no Arquivo Histórico do Exército (Fig. 4). Sabe-se que o forte foi reconstruído em 1770 e dele há alguns outros desenhos, indicando sua forma. É o caso da “Planta do Forte da

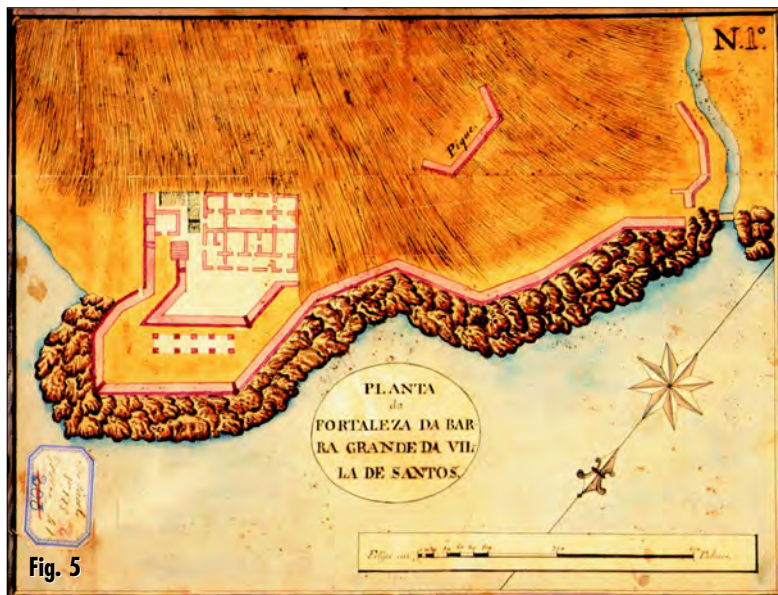
Villa de Santos” também do AHEx. De interesse equivalente são dois outros desenhos que mostram o forte em detalhes, avançando sobre a linha do canal, à frente das ruínas do antigo colégio dos jesuítas, na área central de Santos.

A construção mais complexa e mais interessante, naquela área, foi a da fortaleza da Barra Grande, construída em sua forma primitiva provavelmente por volta de 1582/1584, sob orientação do engenheiro italiano Antonelli, que veio para o Brasil na esquadra de Diogo Flores Valdez, tendo permanecido cerca de dois anos no Rio de Janeiro e proximidades.

A fortaleza foi reconstruída por volta de 1714/1715, segundo projeto do engenheiro João Massé, ao que consta, com recursos financeiros fornecidos por Manoel de Castro Oliveira, comerciante residente em Santos, que poderia talvez ter sido o empreiteiro das obras e não seu doador. Há cerca de vinte anos se desenvolviam as atividades de extração de ouro na região de Minas Gerais, estimulando e enriquecendo o comércio de Santos, isso justificava a realização das obras. Segundo o Coronel Anibal Barreto, em 1717, Luiz Antônio de



Fig. 4



Sá Queiroga foi designado para construir parapeitos na fortaleza, a sua frente, reduto e cortina e no seu interior, a casa de pólvora. As obras foram concluídas em 1720, tendo havido alguns melhoramentos por volta de 1731/1732. Em 1765, ao assumir o governo da Capitania de São Paulo, Luís Antônio de Souza Mourão, Morgado de Mateus, determinou a construção de alguns elementos de reforço e ampliação da fortaleza da Barra Grande, tendo mandado construir um reduto fortificado na Praia do Góis, ao seu lado, com uma cortina de dois ângulos, três faces, parapeitos e guaritas e armada com dezoito peças. Essa parte foi denominada na época de fortaleza da Praia do Góis.

O Forte da Barra Grande é mostrado em todo o seu esplendor, em alguns desenhos da época, como a “PLANTA DA VILLA DE SANTOS”, do século XVIII, existente no Arquivo Histórico do Exército. Ali, em um detalhe, vê-se que a fortificação tinha duas linhas de defesa, sendo uma mais próxima das águas, a cortina, e outra mais alta, como parte de seus muros em cujo interior ficavam as instalações permanentes, com a casa de guarda e a capela. Um outro desenho interessante é a “Planta da Fortaleza da Barra Grande da Villa de Santos”, pela qual se verifica que, em algum momento, as linhas de for-

tificação junto a praia se estendiam até à Praia do Góis (Fig. 5).

Por volta de 1734, foi construído nas proximidades de Santos, em direção a Ponta da Praia, o Forte da Estacada, também por João de Castro Oliveira. Era uma construção relativamente simples, provavelmente com faxina, isto é, com feixes de peças finas de madeira e barro.

Também na época da chegada do Morgado de Mateus, 1765, foi construída junto ao canal da Bertioga, à frente do Forte de São João, a Fortaleza de São Felipe. Ficava junto à armação para pesca de baleia, que existia naquele lugar. Se-

gundo Barreto, a Fortaleza de São Felipe foi reconstruída em 1798. Segundo consta em documentos antigos, em algum momento do século XVIII, São Felipe esteve sob comando de um certo Capitão Rego, proprietário do engenho Santana, em São Sebastião.

Na passagem do século XVIII para o XIX, iniciou-se um processo de construção de fortes e pontos artilhados no litoral norte de São Paulo. O primeiro deles foi o da Ponta das Canas, na extremidade norte do canal de São Sebastião, do lado da ilha do mesmo nome. Ainda na ilha, foi construído o Forte do Rabo Azedo (1820), o de Sepetuba (1820), o de vila Bela e o da Feiticeira, junto ao engenho do mesmo nome. Talvez fosse melhor dizer que esses eram apenas pontos fortificados com artilharia. Do lado de São Sebastião, foram construídos os fortes de Santa Cruz (1820) e da ponta do Araçá. De todos foram feitos desenhos, que se conservam no Arquivo Histórico do Exército.

Beatriz Siqueira Bueno é Professora Doutora da FAU-USP e da FAU-PUCCAMP.

Nestor Goulart Reis é Professor Titular da FAU-USP e membro do Conselho Consultivo do IPHAN.